

CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

Histórias dos trens de de tempos passados

De vez em quando, volta à tona a ideia de construção da ferrovia litorânea que ligaria Vitória ao Rio de Janeiro, passando pelo litoral. Na verdade, é difícil compreender por que as ferrovias foram tão drasticamente esquecidas neste nosso Brasil varonil, cuja condição geográfica é mais do que viável para tal tipo de transporte, bem mais barato do que rodovia.

Trem, por muitos anos, foi o principal meio de locomoção dos capixabas, que contavam com duas ferrovias distintas: uma ligando Vitória a Minas e outra ligando a capital ao Rio, então capital do Brasil.

A primeira era a Vitória-Minas, precursora do que hoje é a Ferrovia da Vale. A outra, a sempre lembrada Leopoldina Railway, atravessava as serras do interior capixaba num arrojado percurso, com túneis e viadutos que representavam o que de mais moderno havia na engenharia férrea.

Tanto numa como noutra as viagens não eram fáceis, enquanto não surgiram as máquinas a diesel, cujo advento mudou toda a dinâmica daqueles percursos. Não eram poucos os apuros que os passageiros enfrentavam.

As fagulhas expelidas pelas chaminés das caldeiras a vapor entravam pelas janelas e provocavam incêndios, dos quais geralmente as grande vítimas eram travesseiros e malas – essas, quase todas de papelão.

A poeira levantada pelos vagões era tanta que representantes comerciais – naqueles tempos chamados de caixeiros-viajantes –, obrigados pela profissão a visitar várias cidades e vilas, não dispensavam os “guardas-pó”, que os cobriam do pescoço aos calcanhares. Eram figuras populares, andavam sempre em grupos, namorando as moças e jogando baralho em mesas improvisadas com as bagagens.

No saudoso “noturno” da Leopoldina – que ninguém entendia por que era “noturno”, já que saía da estação de Argolas (que ainda está no mesmo local) às 10 da manhã – viajavam também espertalhões e malandros aplicando os mais variados golpes em ci-

ma de interioranos incautos.

De certa feita, o saudoso tenente Petronilho Barbosa (pai do hoje desembargador Alinaldo Faria), que na época respondia pela Delegacia de Mimoso do Sul, promoveu na estação daquela cidade uma limpeza num desses trens e, de uma só vez, prendeu duas dúzias de vigaristas.

A propósito, vale registrar uma historinha narrada pelo festejado cronista cachoeirense Rubem Braga.

O fato teria se passado com um senhor idoso que, pela primeira vez, enfrentava o “noturno” para conhecer Vitória. Embarcou em Cachoeiro de Itapemirim e, logo quando o trem saiu da estação, um menino sentado na poltrona ao lado vomitou em seu terno de brim especialmente reservado para a ocasião.

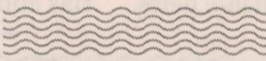
Por conta disso, foi ao banheiro do vagão, um exíguo espaço com privada e pia, onde tentou limpar a sujeira. Nesse mister, pendurou as calças para secar na janela, enquanto lavava o paletó. Porém, para sua infelicidade, um golpe de vento lhe levou as calças, e lá ficou ele só de camisa e cueca.

Por esse tempo era comum a frequência daquela:

vendedoras de tapioca, cocadas pamonhas, espigas de milho e outras guloseimas, que fabricavam e vendiam nas paradas dos trens.

Nenhuma delas entendeu por que aquele coroa, meio para o desesperado, aos gritos e gesticulando com os braços, perguntava aflito: “Tem ‘carças’ aí? Tem ‘carças’ pra vender? Me arruma umas ‘carças’, pelo amor de Deus!”

Apuros de uma viagem de trem daqueles tempos que não voltam mais...



Trem, por muitos anos, foi o principal meio de locomoção dos capixabas, que contavam com duas ferrovias distintas